

Formação e Deformação do Mercosul

M. Pio Corrêa Júnior
Embaixador

Não se pode dizer que até recentemente o Mercosul haja sido objeto de uma apaixonada atenção por parte do governo do Brasil ou, se venha a isso, da sociedade brasileira. Agora, porém, vemo-lo içado à posição de peça essencial da política exterior do Brasil, recebendo outrossim adesões de vários países, outros que os fundadores do sistema.

O Mercosul foge assim de seu conceito original, que era estritamente regional e puramente econômico. Ele nasceu da constatação de que sendo traçada uma linha ao longo do paralelo de Vitória do Espírito Santo até chegar ao Pacífico, e traçando-se outra linha ao longo do paralelo de Baía Blanca na Argentina também até o Pacífico, entre essas duas linhas estão 80% do PIB do Brasil, 80% do PIB da Argentina, 80% do PIB do Chile, e obviamente 100% do PIB do Uruguai. De mais a mais, nessa faixa prevalecem nos vários países condições de produção industrial e agrícola, hábitos de consu-

mo, nível de educação, rede de transporte e rede bancária não idênticas mas muito semelhantes. Nessa constatação, fundou-se a esperança de que um sistema que facilitasse o comércio entre aqueles quatro países pudesse despertar sinergias latentes e promover um desenvolvimento sustentado desses países. Não se cogitou de dar um contexto político ao sistema, e muito menos de englobar nele países estranhos à região.

Para servir de quadro e dar estrutura jurídica às atividades do Mercosul foi criada a Aliança Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC). Esta conheceu, porém, dificuldades oriundas de lutas de interesses, não entre os governos, mas entre vários setores da economia privada dos diversos países. Essencialmente, cada setor era favorável a concessões facilitando o acesso de produtos de outros países membros. A todos os setores da economia – menos ao seu próprio. Combatiam a criação de barreiras tributárias e não tributárias para dificultar o acesso de produtos importados a qualquer setor, menos ao seu próprio. Nessas condições, a ALALC alcançou sucesso muito limitado, sendo substituída pela Associação Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado (ALADI), visando ampliar a extensão das zonas de livre comércio entre os países membros, mediante a criação de tarifas alfandegárias regionais favoráveis a esses países.

Com o tempo, o Paraguai e a Bolívia avieram a postular o seu ingresso no Mercosul. No caso do Paraguai, a sua adesão obedecia a uma certa lógica, já que o país tem como principal artéria fluvial, e dele deriva o seu próprio nome, o grande rio que juntando-se ao rio Uruguai, vai formar o rio da Prata. Quanto à Bolívia, a conexão é mais distante, mas não há dúvida que ela comunica com a bacia do Prata através do Chaco e do rio Pilconayo.

Agora, porém, temos “um estranho no ninho”. A Venezuela, país que não tem estritamente nada que ver com a área matriz do Mer-

cosul, situado que é ao Norte da América do Sul e que logicamente deveria encabeçar um “Merconorte” englobando a Colômbia, Panamá e as Guianas, acaba de ingressar no Mercosul, paraninfada pelo Brasil.

O apoio do Brasil à esdrúxula candidatura venezuelana foi evidentemente devido à estima e admiração repetidas vezes manifestadas pelo nosso presidente para com o presidente da Venezuela, Coronel Hugo Chavez. Dito seja de passagem, parecemos estar assim revertendo ao tempo das monarquias absolutas, quando a política externa dos estados fazia-se ao sabor das simpatias dos monarcas para com outros soberanos. O mesmo fator das afinidades pessoais foi evidente no recente encontro de Córdoba, que além do grupo formado pelos presidentes do Brasil, da Argentina, da Bolívia e do Uruguai, contou com a presença de Fidel Castro.

A Idéia Geral de Manobra, como dir-se-ia no Exército, dessa coriolla de cupinchas é clara: privar os Estados Unidos da América de pontos de apoio, de áreas amigas na América Latina, obedecendo a um antiamericanismo patológico.

Urge fazer retornar o Mercosul ao papel para o qual foi concebido, que não é de um bloco político mas de uma área de desenvolvimento equilibrado e sustentado, no qual a comunidade de interesses e as afinidades entre os Estados-membros consiga promover o processo de aperfeiçoamento dos meios de produção e de acesso dos produtos aos mercados respectivos, criando um harmonioso e dinâmico surto de progresso do âmbito regional, assim como sucedeu pelas mesmas razões na bacia do Ruhl, com benefícios que vieram a ter repercussão favorável na economia dos países-membros da Comunidade Européia do Carvão e do Aço da qual nasceu a atual União Européia.

A frase do presidente argentino Jorge Saenz Peña “tudo nos une

nada nos separa”, que ocasionalmente no curso da História pode parecer irônica, deve poder, graças ao Mercosul, tornar-se uma realidade, contribuindo para a prosperidade e a felicidade de povos vizinhos que há muito superaram quaisquer motivos de discórdia entre eles.

Esses “cupinchas de Córdoba” são preocupantes, pois estão todos eles profundamente convictos de que têm uma missão histórica a cumprir: assegurar a prosperidade e o prestígio de suas pátrias respectivas. Exatamente a mesma posição tinham Benito Mussolini, Adolf Hitler e Joseph Stalin.

Agora, porém, os laços de amizade formados entre os presidentes respectivos do Brasil e da Venezuela, figurando evidentemente este último.

É de nosso interesse aprofundar as relações econômicas com a República argentina, não só facilitando o intercâmbio de mercadorias mas também o de sistemas e métodos de conhecimento próprias a aumentar a produtividade e a competitividade de nossos produtos em outros mercados. Não é de nosso interesse participar de projetos megalomaniacos do presidente venezuelano, como o do Gaseduto Transcontinental que será construído da Venezuela até a Argentina atravessando o Brasil de Norte a Sul.

A Argentina não tem interesse em contribuir para o financiamento do projeto de vez que ela própria é exploradora potencial de gás proveniente de suas extensas reservas da Província de Salta. O Brasil tampouco pode dar as mãos a esse mesmo projeto, já que ele cortaria em toda a sua largura de Norte a Sul a Floresta Amazônica, causando enormes e irreparáveis danos ao ecossistema da floresta. Seria um crime ambiental imperdoável.

Palestra pronunciada em 5 de setembro de 2006.